

Tales Faria

Brasil acenará com outros parceiros contra tarifaço dos EUA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez questão de deixar claro logo na abertura da reunião ministerial dessa quarta-feira, 3, qual será a principal estratégia de negócios do governo brasileiro após o novo tarifaço dos Estados Unidos: o país vai aprofundar a busca por novos parceiros para minimizar os impactos das alterações nas políticas comerciais norte-americanas.

“Não vamos ficar chorando. Nós vamos procurar outros parceiros. Se ele [o presidente dos EUA, Donald Trump] não quer comprar, a gente vai vender para quem quiser comprar. Não vamos ficar reclamando. Se não quiser investir aqui, nós vamos procurar outro. O Brasil é dono do seu nariz. Isso aqui é um país democrático e soberano”, disse o presidente.

Lula já havia dado ordem aos ministros da Fazenda, Dario Durigan, e das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para estreitarem os laços com a China. A ideia é usar a disputa comercial e geopolítica entre Trump e o país asiático para diminuir o poder de fogo de Donald Trump nas negociações com o Brasil.

Coincidentemente, no dia anterior à reunião ministerial, o Conselho de Estado chinês havia divulgado uma nota de apoio à “soberania, independência e autonomia” brasileiras.

A manifestação em favor do Brasil ocorreu em Pequim, durante um evento chamado “Diálogo Estratégico Abrangente China-Brasil” em que o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, falou em avançar nos intercâmbios com o Brasil não só na área comercial como também em assun-

tos culturais, de educação, turismo, esportes, juventude, tecnologia e meios de comunicação.

Lula quer conversar pessoalmente com Trump. Para isso, na reunião ministerial anunciou que irá ao encontro do G7 marcado para os próximos dias 15 e 17 de junho, quando acredita que poderá encontrar com o colega norte-americano, nem que seja por pouco tempo, para marcar uma conversa mais longa. “Eu nem ia ao G7, mas agora eu vou”, afirmou.

O presidente brasileiro não pretende entrar em choque com Donald Trump, mas deixar claro que o Brasil tem outras opções comerciais que não os EUA, assim como tem produtos que interessam aos norte-americanos, tais como as chamadas terras raras ou minerais críticos. Depois da China, é o Brasil que tem as maiores reservas do mundo.

Não se trata de oferecer nossos produtos em troca de diminuição das tarifas, mas de acenar que, se não houver boa vontade dos EUA, produtos que interessam àquele país podem ser negociados com outros.

No caso da carne bovina, por exemplo, os EUA enfrentam escassez ao mesmo tempo em que a China acaba de declarar que considera o Brasil livre de febre suína. Isso significa que a importação de carne brasileira pelos chineses tende a aumentar. A China compra cerca da metade da carne de boi exportada pelo Brasil.

A preocupação dos EUA neste ponto fez, inclusive, com que a carne não entrasse no aumento de tarifas proposto no tarifaço.

Lula acredita que as taxas propostas contra o Brasil não tiveram o aval definitivo de Trump. Sendo assim, ele acha que a conversa olho no olho terá importância.

Fernando Molica

O risco de Flávio virar David Luiz

Às vésperas de uma nova Copa, Flávio Bolsonaro poderia ver uns jogos da seleção brasileira em 2014 e prestar atenção em algumas atuações do zagueiro David Luiz — verificaria o risco que representa largar a defesa e partir de forma desordenada para o ataque.

A revelação das relações cinematográficas com Daniel Vercaro e a consequente queda nas pesquisas obrigaram o pré-candidato do PL à Presidência a deixar de jogar parado. Até então, ele crescia sem muito esforço: graças aos votos cativos do pai, ele se isolava na dianteira entre os candidatos de direita, o que lhe gerou mais e mais adesões.

Ainda que desolado com a não escalção de Tarcísio de Freitas, o empresariado tratou de migrar para as bandas daquele que se apresentava como “o Bolsonaro que toma vacina”. Acreditou na possibilidade de existência de uma versão moderada de um movimento político que depende do radicalismo para viver.

Deu no que deu. O senador fluminense foi flagrado pedindo dinheiro para o então dono do Banco Master, ensaiou desculpas, prometeu (e não cumpriu) apresentar as contas da produção, admitiu que visitara Vercaro quando uma tornozeleira já resplandecia em uma de suas canelas.

Diante dos gols tomados, Flávio fez como David Luiz. Partiu para o ataque, para uma viagem aos Estados Unidos tão improvisada quanto as investidas do zagueiro no Mineirão, no fatídico jogo contra a Alemanha. O suposto gol marcado pela classificação do PCC e do CV como organizações terroristas ainda estava sendo analisado pelo VAR quando Donald Trump começou a lançar bolas nas

costas do primogênito de Jair Bolsonaro.

Supreendido com a vantagem do adversário e com o cartão amarelo dado pelos EUA ao Pix, Flávio Bolsonaro passou a tentar inverter o jogo e acusar o outro time — no caso, o presidente Lula (PT) — de ser o principal responsável pela lambança.

Ele exerce seu papel ao tentar convencer o juiz-eleitor; política é também uma grande guerra de versões. O problema é que os fatos conspiram contra ele. Ano passado, o clã Bolsonaro, especialmente o então deputado Eduardo, alardeou que buscava nos EUA a imposição de medidas contra o Brasil. O tarifaço chegou a ser comemorado até por aliados como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, que meteu na cabeça o boné trumpista.

Agora, as novas ameaças da Casa Branca foram anunciadas no rastro da viagem de Flávio Bolsonaro em que se encontrou com Donald Trump e com o secretário de Estado, Marco Rubio. Na semana passada, o governo brasileiro afirmou, dias antes do ataque ao Pix, que ações contra grupos classificados de terroristas poderiam afetar o sistema financeiro nacional, e até mesmo o nosso mecanismo de pagamentos.

Assim como jogadores de futebol, políticos têm que adaptar seu jogo às condições de cada partida, mas é complicado quando mudanças afetam de maneira radical o esquema proposto. O Flávio moderado durou pouco, deu lugar a um personagem mais compatível com o bolsionarismo. O problema é que o ataque desesperado deixa a defesa ainda mais desguarnecida. E, a essa altura da disputa, ele já deve ter notado que não dá pra combinar nada com o ruço Trump.

EDITORIAL

Menos burocracia, mais tempo para viver

Poucas obrigações de um brasileiro conseguem reunir sentimentos tão contraditórios quanto a Declaração Anual do Imposto de Renda. Para alguns, talvez, ela possa representar algo positivo - como para os contadores que trabalham cobrando para o preenchimento dela como “bico”... Mas, para a maioria dos brasileiros, é sinônimo de preocupação, dúvidas, filas virtuais, recibos perdidos e horas gastas diante do computador, além da espera para receber um dinheiro que sequer deveria ter saído do orçamento. Diante deste cenário, que se repete anualmente, a perspectiva de que, em poucos anos, os contribuintes não precisem mais preencher manualmente a declaração pode ser recebida como um avanço e alento. A proposta anunciada pelo Ministério da Fazenda não decreta o fim da fiscalização nem das responsabilidades tributárias. Trata-se de algo mais simples e inteligente, aproveitar as informações que o próprio governo já dispõe para poupar tempo e esforço do cidadão.

O Brasil, aliás, parte de uma posição privilegiada nessa transformação. A Receita Federal é frequentemente apontada como uma das administrações tributárias mais avançadas do mundo em uso de tecnologia da informação. Além disso, todo o processamento das declarações ocorre de forma eletrônica há mais de uma década.

E a mudança já está em curso. A declaração pré-preenchida cresce ano após ano e se tornou a preferência de milhões de brasileiros. Mais do que uma inovação tecnológica, trata-se de uma mudança de mentalidade. Durante décadas, o cidadão precisou se adaptar à burocracia estatal. Agora, é a burocracia que começa a se adaptar ao cidadão. O tempo economizado por milhões de pessoas poderá ser dedicado ao trabalho, ao estudo, à família ou simplesmente ao descanso. Parece pouco, mas não é. É claro que a transição exigirá cautela, sistemas automatizados seguros, proteção de dados e mecanismos eficientes de correção de informações. A validação pelo contribuinte continuará sendo fundamental para evitar inconsistências.

Ainda assim, a direção está correta. Um governo moderno não deve medir a sua eficiência pela quantidade de formulários que exige da população, mas pela capacidade de prestar serviços de forma simples, rápida e transparente. Se a promessa se concretizar, o fim da declaração manual do IR poderá representar uma das mais significativas simplificações da relação entre Estado e contribuinte desde a digitalização dos serviços públicos. E, convenhamos, devolver tempo às pessoas talvez seja uma das melhores formas de respeito ao cidadão.

Opinião do leitor

Torcer e rezar

Hora de vibrar. De torcer pelo sonho do hexa. Não importa se a seleção não é favorita. Na Copa do mundo o torcedor se enche de fé e boas energias. Bandeirolas, bonés, pó de arroz, camisas, apitos, tatuagens, janelas e carros enfeitados, tomam conta da alma da população. Quem não gosta de futebol não ponha olho gordo na seleção.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.